

# VIDA FLUMINENSE

Publicação Illustrada

ESCRITORIO  
RUA DO OUVIDOR

32 - sobrado - 52

CORTE

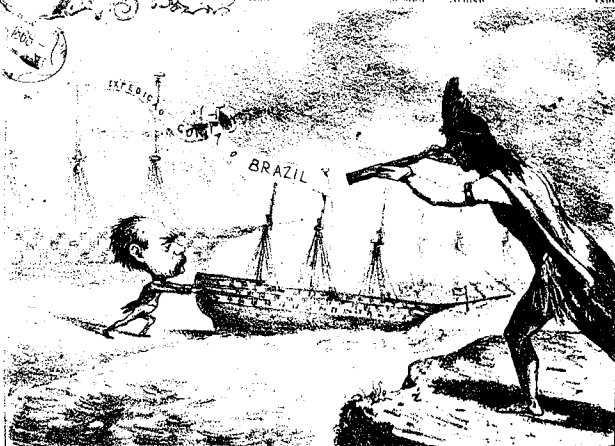
Trimestre  
Semestre  
Anno

55000  
105000  
205000

PROVINCIA

Semestre  
Anno  
Avulso

115000  
215000  
150000



"Olá! o Sr. do Bismark dando-se tanta pressa por pôr os seus navios a aqua?... Não saberei cile ainda que por sua causa, foi a honrendissima amerra de pôr na' rua um dos melhores delegados da minha policia...."

## Aos Srs. Assignantes.

A empresa da « Vida Fluminense » agradece cordalmente aos Srs. assignantes a protecção que lhe tem dispensado desde o começo da publicação deste semanario—e participa-lhes que nos principios do anno vindouro será distribuida uma grande folhinha illustrada, a que, entretanto, só terão direito os que se acharem quites com a empresa.

Aquelles que não estiverem nestas condições, não devem estranhar, pois, se não forem contemplados na distribuição.

Avulso custará essa folhinha 3\$000.

## A VIDA FLUMINENSE.

Rio, 30 de Dezembro de 1871.

O fogo purifica, dizem os mestracos da sciencia.

Pois sim! Purifica bem; porém liquida ainda melhor.

Olá se liquida! Nem conheço nada que seja tão bom para liquidar, mormente casas de certos negocios.

Quando um estabelecimento dos taes começa a pender para cá e para lá, ha um só meio de pô-lo firme, é arde-lo por acaso.

Feito isto, está liquidado, não tem que ver! No fim as contas estão necessariamente certas.

Eu poderia citar como exemplo o.... a.... os....; porém não cito.

Isto, que ahi fica escripto, foi-me suggerido pelo grande incendio da Praia dos Lazaros.

Estava eu a ver, de longe, subirem com velocidade as densas nuvens de fumo, sahidas da ex-fabrica de stearinas, e a dizer com os meus botões: o fogo purifica o liquida!

Não quero com isto dizer que a referida fabrica.... oh, não! não!

Pelo contrario, se ella até estava cheia de sebo e de não sei mais o que!

Mas aquelle fogo, fez-me lembrar outros fogos... de artifício, que por ahi tem havido, e que derão que pensar a mais de quatro.

Voltemos, porém, á Praia dos Lazaros ou Lazaronis.

Começou a cousa por uma caldeira que estourou, sem prévio aviso aos incautos.

Se com esse estouro morreu alguém, isso é que não dizem as chronicas do dia. O que consta, sómente, é que o fogo contaminou-se ao sebo pelas seis horas da tarde, que os sinos repicarão ás sete, que as carroças chegaram ás oito, que as bombas officiaes apresentaram-se ás nove, e que o Tenente Coronel Director do Corpo de Bombeiros deu um ar de sua graça ás dez.

Sua Excellencia, sempre tão prompto quanto eloquente, exclamou, vendo arder tanto sebo:

—Ora sebo!

A historia patria transmittirá sem duvida aos posterios este dito *a jámais celebre, do illustre chefe da hisarria corporação dos pompiers de Nantegre.*

Foca a musica!

Ataca os foguetes!

O mar o a terra e o Tenente Coronel Carvalho ficarão coalhados de sebo.

Ardeu tudo!

Ardeu a fabrica, a materia prima e os massos de contos de reis, (o que foi um verdadeiro *masso* para a companhia).

O prejuizo era calculado em trescentos contos, incluindo-se uma grande quantidade de pinho que tambem se queimou e que pertencia a particulares.

Trescentos contos tudo!

Mas como a empresa estava segura por quinhentos.....

Ardeu tudo. Tudo queimou-se!

Porém quem ficou mais ardido e queimado foi o Tenente Coronel Carvalho por chegar tão tarde.

O mais engraçado é que no dia seguinte andou a policia agarrando os carroceiros e as carroças que não comparecerão no lugar do incendio, e

mandando aquelles para o xadrez e estas para o deposito.

E ficarão por isso sem agua para seus misteres, durante dois dias, todos quantos costumão receber a diariamente dos referidos carroceiros enxadrezados.

Vejaõ só quanta desgraça por causa do tal sebo!

Um conselho de amigo ao leitor que tem freguez diario de agua:

Logo que ouvir qualquer igreja dar aviso de fogo, saia de casa como estiver, corra ao cortiço em que mora seu aguadeiro, agarre-o pelas orelhas e leve-o de rastos até o lugar do incendio.

Se não fizer assim, arrisca-se a morrer de sede no dia subsequente.

Uma noticia que nem sempre se pôde dar é esta:

Diversos litteratos brasileiros estão confereccionando uma apromptado livro em verso e prosa, para ser vendido nesta cidade revertendo todo o producto da venda em favor de uma distincta familia portugueza, residente no reino, para quem a sorte se tem mostrado em extremo adversa n'estes ultimos tempos.

A meu vêr foi esta uma ideia tão nova, quanto feliz.

Applaudimol-a com todas as véras d'alma.

Nada mais justo do que estendermos a mão amiga aos necessitados de lá, quando os portuguezes d'aqui nunea se canção de auxiliarnos no exercicio da caridade, a mais bella, a mais real de todas as virtudes.

Seja bemvindo o livro!

A proposito de livros, parece que tem tido bastante acceitação as biographias das nossas grandes vultos politicos, escriptos pelo Dr. Albino dos Santos Pereira.

As edições esgotão-se. Querem melhor prova?

A Companhia franceza, que se estreou últimamente no Theatro de D. Pedro 2.<sup>o</sup>, é em geral, composta de artistas grandes e gordos.

E. tanto que o Bossu, por elles representado

na noite em que iniciarão seus trabalhos, pôde chamar-se em portuguez: *O Bojudo*.

A. DE C.

### A manta azul.

(Continuação do n. 305.)

Poucos momentos depois, Mauricio voltou trazendo a manta.

«*Eh-a, minha senhora. Não foi sem trabalho que pude obtê-la. O inglez sentára-se em cima... e...*»

«*Bem se vê, disse Margarida. Estas pregas denunciavam claramente o pouco caso que a raza britanica faz de tudo... o que não é seu.*»

Depois, olhando tristemente para a manta:

«*Pobre amiguinha: em que estado te porem.*»

E, dobrando-a com geito e cantela, collocou-a perto de si.

Apezar do vento que soprava com intensidade, não era menos intenso o calor do sol, que dardejava seus raios sobre o lombadilho da barca.

Para evital-os, Margarida deixou o lugar onde se achava e foi collocar-se perto da barraca chiniza do homem do leme.

Depois, voltando para junto de Mauricio, entregue á exclusiva contemplação das innumerables bellezas da nossa bahia, disse-lhe:

«*Em que está pensando? Na mulher que ama, ou em negocio lucrativo?*»

«*Nem sei responder-lhe, minha senhora. Pensava em tanta coisa ao mesmo tempo... na vastidão do nosso porto... na sua manta azul...*»

«*Se o Sr. soubesse a historia d'essa manta, á qual se ligam as mais bellas reminiscencias da minha vida...*»

«*Porque não m'a conta?*»

«*Se promette ouvi-la com attenção...*»

«*Não prometto: juro.*»

«*Basta-me a promessa.*»

«*Acredito mais n'ellas do que nos juramentos.*»

Essa manta é presente de um capitão de cavallaria. Não julgue entretanto que se trate aqui de um homem que me amasse, a ponto de sacrificar na pyra de seu amor o ultimo rinteiro de seu soldo.

Nada disso.

O militar em questão era um rapaz bonito, que vi uma só vez.

Achava-me em «*Notre Dame*» comprando alguns objectos do que carecia, quando, revestido de seu uniforme elegante, o vi entrar alegre e folgazão, e communicar aos caixeiros a sua proxima partida para o Paraguay, onde ia defender os brios nacionaes tão vilmente insultados pelo netrecha! Lopes.

# OS PRASERES D



Se soubesses querida Sely, como me diverte  
em Petropolis, admirando o boiúcho, ad-  
mirando a velocidade do voador e vendo  
saltar o cabritinho...  
Oh filho! só pensas em aninuaes... canchifras!

Já se foram todos os prazeres do campo  
aquelas senhoras do boni-propôni-se  
a cortar milho que os maridos co-  
regam para lhes darem a gracinha  
das baras metades.



Veio encalhar me em Pe-  
tropolis, por causa dos mei-  
gostos de Maria cavallos, e com  
aquele os diabolos me deixam

Tambem se namora em Pe-  
tropolis... aporaz que o  
phisco de alguns namo-  
rados.....

"Descansem rapazes  
para levar vida  
sua me e recomen-  
me a trabalhar. Gato

# DE PETROPOLIS.



Quem são aquelles viajantes que  
vieram a Petropolis para estar  
de rapo para "o as"?  
"Oh! são os que são artistas pintores da da  
corte, que vem estudar a natureza!"

"Dez mil reis! esse peixinho a tã"  
"Ah! então, o peixe tem Petropolis e co."  
"mas as mulheres. Custa caro porque  
há pouco e vem de longe."



... Vem a Petropolis  
e adora. Omeidos as  
admir: portanto deixem  
pau pra por m. conta.

Alô ha gente que son meios e  
son creados. Já bates manhos  
sugando se, antes de frago, a la  
zer por si mesma o sorugo da vida

Deus vem a fúncão!  
e dança se...  
dança se...  
E um leuvar a Deus!

Agradou-me—porque não o confessarei?—a ar marcial d'aquelle rapaz, e sem saber como achei-me envolvida na conversação, por elle sustentada com notavel espirito e facilidade. Fallou-se da guerra, de mon-das, e da manta azul, que estava então sobre o most-rador, e que eu, embora me agradasse, me recusava a comprar em consequencia da exhorbitancia do preço.

Pouco depois, o militar despedio-se de todos, e sa-hio, achando para mim de certo modo que me daria a entender que não lhe fôra indifferente a minha pessoa. Recommendei ao caixeiro que me levasse a casa tudo quanto eu comprara e sahi por meu turno.

Meia hora depois recebia em minha casa os objectos comprados, entre os quaes vinha a manta azul, e este bilhete.

Lea.

Margarida deu então a Mauricio um papel côr de rosa, sobre o qual fôra escripto a lapis o que que se segue.

«Minha senhora. Parto amanhã para a guerra, donde provavelmente não voltarei mais.

«Na firme gregua de que uma bala inimiga virá, mais cedo ou mais tarde, pôr termo á minha existencia, faço hoje testamento.

«Deixo á V. Ex., como recordação dos momen-tos agradaveis que devo ao espirito de sua con-versação, a manta azul, que tanto lhe agradou.

«Aceita-a?»

O bilhete vinha assignado por Ernesto de Men-donça.

(Continúa.)

### Accrão dos Theatros

Palavra de honra.

Apezar de tudo o que me disse o Sr. Per-rini acerca da companhia dramatica franceza que trabalha no D. Pedro II—quando vi a mesquinhez do prego exigido pelos lugares, e a excessi-va modestia com que Madame Philippe apre-sentou os seus artistas a este nosso publico tão habituado aos *puffs* e á *rectame* d'antemão preparada, cheguei a duvidar que na *troupe* houvesse um só artista digno de tal nome.

Acreditei em carinhosas bouitas, em pernas molhadas pelas regras severas da estatuaría, em *toilettes* mais ou menos *tempestuosas*; mas a respeito do recursos artisticos e talento scenico vierão-me logo á idéa os calções de S Sebastião.

Enganei-me redondamente, folgo de dizel-o; e sem espirito de lisonja ou cheiro do incenso, resta-me, apoz a primeira recita do *Bossu*, a convicção de que a companhia dramatica fran-ceza é uma das melhores que possam ver se... fôra de Paris.

Não entrarei na analyse minuciosa do drama escolhido para a estrêa.

A imitação de tudo quanto vi na *Porte* de S. Martin ou no *Ambigu* no tempo em que Fechter fazia as delicias do primeiro, e Dumaine extasiava os *habitués* do segundo, não passa o *Bossu*, de uma pega onde há uma alluvião de peripecias inesperadas, a par de alguns quartilhões de sangue derramado. Tem contudo o drama de Feval uma qualidade excellente:—prende deve-ras a attenção do espectador por meio de lances, que de scena para scena, vão crescendo d'inter-esses e emmaranhando a acção de sorte a não ser lá muito facil advinhar-lhe o desfecho.

Os litteratos de pólpia preferem a tudo isto um enredo singelo tecido n'um dialogo correcto e fluente; mas o publico em geral adora os *coups de theatre*, (no drama especialmente) e não retem os *bravos* quando vê a virtude pre-miada e o vicio punido.

Questões de gosto em que não quero entrar, para não censurar o publico e muito menos os litteratos de pólpia.

Portanto, pondo de parte o drama, tratarei apenas de emitir a minha humilde opinião acerca dos artistas encarregados de interpretal-o.

No quadro artistico destacam-se notavelmente quatro vultos: Mmc. Simiane, e os Srs. Brizard, Pontis, e James.

A primeira é na opinião geral a perola da *troupe*. Dicção purissima, orgão vigoroso e so-noro prestando-se admiravelmente ás mais arris-cadas inflexões, gesto correcto seguindo tanto quanto é possivel seguir-se a idéa expressa pela phrase, e phisionomia adaptada pela mobili-dade ás diversas situações do dialogo; eis, quanto a mim, os dotes que superabundam na primeira actriz da *troupe Philippe*.

Em Pontis ha tambem qualidades artisticas de subido valor. O modo de dizer é correcto e pausado. Não lhe escapam virgulas nem pontos, como infelizmente por ahi acontece nos nossos theatros, e, nas phrases, que reclamam certa in-tenção; ha as meias tintas necessarias ao todo harmonioso, que, na dicção sobretudo, deve apresentar o personagem de qualquer drama, quando habilmente representado.

Brizard tem optima figura. (uma figura rossi-ana) e felicissimas disposições para a scena. Ves-te-se bem e caracteriza-se melhor.

E' porém para sentir que a Providencia não lhe tenha concedido orgam um pouco mais volu-moso. Para os theatros de grandes dimensões é qualidade indispensavel.

Em relação a Janias farei apenas uma observação.—Sem desmandar-se um instante, sem *carregar* uma só vez nas situações scenicas em que toma parte, Janias desperta constantemente o sorriso do espectador pelas cadeiras, e a gargalhada expansiva do *habitué* das galerias.

Em resumo?

A companhia é boa, o repertorio exhibido até hoje interessante, a *mise en scene* muito melhor do que seria licito exigir, e se a tudo isto juntarmos a exiguidade dos preços, acharemos que vale bem a pena frequentar o theatro D. Pedro II. enquanto lá trabalhar a *troupe* Philipe.

Uma estrêa e a primeira exhibição de um *caudeville hors ligne*, constituem o balanço da semana alcazarina.

Da estrêa pouco ha dizer. Mlle. Liap não conseguiu agradar.

Se da parte da estreante tivesse havido consciencia e modestia, e ella se tivesse limitado a passar pelas provas publicas evitando os escolhos que offerece a escabrosa parte de *Boulotte* a todas as *primas donnas* sem talento real,—talvez o publico a tivesse deixado passar, contribuindo assim para que, um dia, Mlle. Liap se tornasse uma artista aproveitavel.

Mas querer competir com a Aimée de out'ora, com a Irma Marié de hontem, e a Delmary, de hoje, sem ter uma, uma só vantagem sobre qualquer dellas, é, senão rematada loucura, pelo menos imperdoavel falta de consciencia.

Do *caudeville hors ligne*, que sob o titulo de *Trais epiciers* subio quinta-feira á scena, só ha a dizer uma coisa:

Não é possível imaginar-se ratice mais chistosa, nem desempenho mais perfeito por parte dos artistas encarregados da personificação dos personagens respectivos.

O maestro Agostini não é homem de *puffs*.

Sabe o que vale, e conhece de perto as sympathias que o publico lhe tributa.

E hoje o seu grande *festival* em que tomão parte todos os musicos do Rio de Janeiro sem excepção de um só.

É inutil lembrar que se canta o *Tracador*, opera predilecta do publico fluminense e em que tanto se distinguem os principaes artistas da companhia. Mas o que convém dizer-se alto e bom som é que o espectáculo remata pela grande fantasia sym-

phonica, intitulada «Independência brasileira», composta pelo beneficiado, e executada por

896 EXECUTORES!

O tenor Ballarini transferio o seu beneficio por causas independentes de sua vontade.

E' de esperar que as pessoas que havião de antemão aceitado bilhetes, os conservem até ao dia em que de novo se annunciara o espectáculo.

E' justiça feita a um artista que, á imitação de seus companheiros, só vê no producto de seu beneficio a justa remuneração de seis mezes de trabalho.

A. DE A.

### Ao Sr. Eduardo de Martino.

Quem poderá ousado a inspiração seguir-te,  
Egregio artista, quando o pizuel empunhas,  
E sobre a lisa tólo preparada,  
A natureza buscas

Fiel reproduzir com seus primores?!  
Filho da bella Italia!

Pelas nymphas do Voltorno amamentado,  
Na divina copa,

Onde Raphael e Rubens a inspiração libaram;  
Tu tambem bebeste

O sagrado licor que outorga o genio!  
Salve! Artista! Salve!

A' patria miulla, americana perola,  
Onde ainda o Genio da pintura não mostrou-se;  
Com a arte tñ viste, os marceios feitos conservar.  
De um povo que adora a liberdade!  
Por ti bem longo

Saudosa chora a familia. Do Tibre ás margens,  
Onde Roma se revê nas priscas glorias;  
A doce brisa que vai beijando o rio  
Soluça e chora,  
Em notas celestias, divinas.

Passadas éras, de grandezas cheias!  
Fimda os trabalhos teus!

E com a fronte de louros circumdada,  
Corre, vñ, filho, no teu bello patrio sólo;  
E lá, na terra dos da pintura genios—  
Aprende, aprende ainda com as lições dos mestres,  
Nos quadros que seus nomes perpetuam,  
A perfeição na arte! o infinito!! Deos!!!

ANACRETO RAMOS DE MELLO.

Typ de J. M. A. A. d'Aguiar, rua da Ajuda n. 108.

REV

AVIDA FLUMINENSE



"Venho vender-te. Chega a minha vez.  
 "E não tens lá muito medo? 365 dias de sentinella não é brisante.  
 "E tu que vou ficar 366?.. Dêz-me, que ordens recebeste?..  
 "A de entregar-te esta legião que passa para ti e para todos  
 os que vivem depois. Tudo o mais vai comido para a  
 Eternidade!..